

# Proposta para as futuras eleições

**M**ANDARAM-ME dizer que esta semana precisava escrever mais cedo; e estou aqui na quarta-feira, 28 de setembro, escrevendo para a revista que vai sair na quarta-feira, 5 de outubro.

A sensação que tenho é a de estar escrevendo na semana antes do carnaval para a quarta-feira de cinzas. Na hora em que escrevo todo mundo está arrumando fantasia, se preparando para ir ao baile, para sair na Escola, para se esbaldar completamente. Na hora em que me lerdos, a farra (cívica) terá acabado: os garis já varreram o lixo da propaganda, arrancaram as faixas pendentes com nomes de sujeitos derrotados; e os cartazes dos candidatos nos olharão dos muros, onde foram pregados com tanta esperança, com olhares melancólicos e ridículos.

Nossa democracia ainda é mal-educada e barulhenta. Quero fazer um pedido ao Governador do Estado da Guanabara ou aos Constituintes, ou aos vereadores remanescentes, enfim, a quem de direito: proibir desde logo, para a próxima campanha eleitoral, o uso de alto-falantes e dos autos falantes.

Os primeiros (que nossos irmãos de Lisboa chamam de *altifalantes*) são êsses ampliadores de som que, nas esquinas e praças movimentadas, ficam das 10 da manhã às 10 da noite berrando as virtudes de um candidato e, às vezes, as misérias de seu opositor. Ficam um, dois meses, diàriamente, atordoando os transeuntes e arrasando os nervos de todos os que trabalham nas imediações.

Proibir essa estupidez não é privar ninguém do direito de propaganda — mesmo porque a proibição atingirá todos os candidatos. É apenas medida de higiene e boa educação e também de democracia: ninguém tem o direito de suplantar a voz do homem comum com êsse berreiro mecânico atordoante e burrificante. Não é “no berro” que se deve ganhar

eleições; é na conversa, maneira normal de entendimento entre os humanos. Que se amplie a voz do orador de um comício, vá lá; os que estão ali são os que desejam ouvi-lo. Mas azucrinar o dia inteiro o homem em sua casa, em seu escritório, em sua loja, com as mesmas frases bombásticas, semana após semana, é um crime que deve ser punido.

Os autos falantes, essas camionetas carimbadas de cartazes que levam dentro um sujeito a berrar propaganda, são, certamente, um mal menor. O diabo é que costumam invadir as ruas mais tranquilas dos bairros mais remotos com seu berreiro de mau-gosto. Deviam também ser proibidas, a bem do trânsito, do bem-estar da população, do sossêgo geral. Quem quiser ouvir frases escandalosas e se fartar de discursos, ligue o rádio, ou ouça o rádio ou a televisão do vizinho; ouvirá mesmo se não quiser...

Por falar em rádio e televisão: por que não votar uma lei que regule os horários e frequência de cada candidato? Seria bem mais democrático dar acesso a todos êsses instrumentos de comunicação pública. O eleitor ouviria quem quisesse e votaria em quem escolhesse; o essencial é que a cada partido registrado fôsse assegurado um mínimo de tempo.

Precisamos aperfeiçoar nossa democracia. Minhas modestas propostas não bastarão, é certo, para democratizar realmente as eleições nem para neutralizar o poder do dinheiro, os abusos do poder e da demagogia. O regime ideal não existe. Mas, para começar, podemos pedir um pouco menos de barulho e um pouco mais de respeito aos direitos do cidadão. Para comparar, meditar e escolher, êle precisa, antes de tudo, de um pouco de sossêgo. Silêncio de morte, aos alto-falantes e autos berrantes!